

A semântica da genericidade no português: a genericidade e a denotação do nome comum

Ana Müller

Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

O objetivo deste trabalho é investigar a semântica das expressões de referência a espécie e das sentenças genéricas no Português do Brasil (PB). Mais especificamente, vou investigar as diferenças entre as interpretações do definido genérico singular e plural, do indefinido genérico, do singular nu e do plural nu. Somente os nomes contáveis serão investigados. A análise servirá de ponto de partida para uma comparação com o comportamento deste fenômeno no Português Europeu (PE).

A hipótese central é a de que a denotação do nome comum no PB inclui tanto átomos como pluralidades. As diferenças na interpretação dos vários sintagmas genéricos e sentenças genericamente quantificadas resultam deste fato e da existência de um operador SING(ular) e de um operador PL(ural) sobre a denotação do nome comum.

O artigo segue a seguinte seqüência:

(i) Na seção 1, apresento os fatos descritivos sobre a expressão da genericidade no PB assumindo que as línguas naturais fazem uso de dois mecanismos diferentes para expressar a genericidade: *expressões de referência a espécie e quantificação genérica*.

(ii) Na seção 2, proponho uma interpretação para os nomes comuns e a interpretação para um operador SINGular e um operador PLural que postulo existir nesta língua.

(iii) Na seção 3, aplico a proposta desenvolvida para derivar as formas lógicas de sentenças com genéricos indefinidos.

(iv) Na seção 4, discuto a interpretação dos definidos genéricos.

(v) Finalmente, na seção 5, esboço uma primeira tentativa de comparação entre o PE e o PB no quadro do trabalho.

1. Expressões de referência a espécies vs. sentenças genericamente quantificadas

Nesta seção, vou considerar em detalhe o comportamento de argumentos genéricos no PB. O ponto de partida teórico é o fato de que as línguas naturais fazem uso de dois mecanismos distintos para expressar genericidade: *expressões de refe-*

rência a espécie – expressões que denotam diretamente uma espécie, e *quantificação genérica* sobre sentenças – sentenças sob o escopo de um operador de genericidade (cf. Krifka *et al.* 1995).

Vários tipos de expressões genéricas podem ser usadas em PB, como se pode ver nas sentenças (1)-(4).

- (1) O automóvel chegou ao Brasil no século XX.
- (2) As cobras são animais perigosos.
- (3) Um número par é sempre divisível por dois.
- (4) Homem não chora.
- (5) Professores trabalham muito.

Vou agora fazer uso de alguns testes propostos por Krifka *et al.* 1995 e Gestner & Krifka 1993 para tentar distingüir entre os dois tipos de genericidade no PB.

(i) Existem alguns predicados com posições argumentais que podem ser preenchidas apenas por expressões de referência a espécies como *estar extinto*.

- (6) O mico-leão-dourado está extinto.
- (7) Os micos-leões-dourados estão extintos.
- (8) *Um mico-leão-dourado está extinto.
- (9) *Mico-leão-dourado está extinto.
- (10) *Micos-leões-dourados estão extintos.
- (11) Um (tipo de) mico-leão-dourado está extinto.

(ii) Sentenças genéricas são estativas. Conseqüentemente, uma sentença com um predicado episódico só poderá expressar algum tipo de genericidade se um de seus argumentos for uma expressão de referência a espécie.¹

- (12) O automóvel chegou ao Brasil no século XX.
- (13) Os automóveis chegaram ao Brasil no século XX.
- (14) *Um automóvel chegou ao Brasil no século XX.
- (15) *Automóvel chegou ao Brasil no século XX.
- (16) *Automóveis chegaram ao Brasil no século XX.

(iii) Expressões de referência a espécie parecem estranhas quando construídas a partir de espécies não-estabelecidas.

¹ As sentenças (6)-(11) têm que ser lidas como se referindo a um único evento de chegada.

- (17) a. A garrafa de Coca tem gargalo estreito.
 b. ???A garrafa verde tem gargalo estreito.
- (18) a. As garrafas de Coca têm gargalo estreito.
 b. ??As garrafas verdes têm gargalo estreito.
- (19) a. Uma garrafa de Coca tem gargalo estreito.
 b. Uma garrafa verde tem gargalo estreito.
- (20) a. Garrafa de Coca tem gargalo estreito.
 b. Garrafa verde tem gargalo estreito
- (21) a. Garrafas de Coca têm gargalo estreito.
 b. Garrafas verdes têm gargalo estreito

A partir do comportamento das expressões genéricas do PB em relação a (i)-(iii) podemos estabelecer duas generalizações tentativas sobre a expressão da genericidade em PB:

- O definido genérico singular e o definido genérico plural são expressões de referência a espécies.
- O indefinido genérico, o singular nu e o plural nu não denotam espécies. Sua genericidade deve provir de sua participação em sentenças genericamente quantificadas.

2. A interpretação dos nomes comuns e dos morfemas singular e plural

O objetivo desta seção é explicitar uma proposta para a interpretação dos nomes comuns em PB. Minha hipótese é que a denotação de um nome comum no PB é uma neutralização entre o singular e o plural. Esta hipótese é semelhante à denotação proposta por Chierchia 1998 para nomes massivos e à denotação que Link 1983 atribui aos predicados plurais. Um nome comum teria como parte de sua denotação todas as entidades atômicas e todas as entidades plurais (todas as somas de qualquer número de entidades).

Por exemplo, em um universo com apenas três bolachas, a denotação de *bolacha* seria como em (1).

$$(1) [[\text{bolacha}]] = \begin{array}{|c|c|c|} \hline & a \oplus b \oplus c & \\ \hline a \oplus b & a \oplus c & b \oplus c \\ \hline a & b & c \\ \hline \end{array}$$

Como o PB possui morfologia de número (exs. 2 e 3) e essa morfologia tem significado semântico, os morfemas de número podem ser analisados como operadores sobre o nome comum (ou sobre o NP). Estes operadores estão apresentados em (4) e (5) e seu funcionamento é exemplificado em (6) e (7).

(2) a bolacha(sg)/aS bolachaS(pl) (dialeto culto)

(3) a bolacha/aS bolacha (dialeto popular)

(4) $SING(ular) = \lambda P \lambda x [P(x) \wedge At(x)]^2$

(5) $PL(ural) = \lambda P \lambda x [P(x) \wedge \neg At(x)]$

(6) $SING(bolacha) = \lambda P \lambda x [P(x) \wedge At(x)] (bolacha)$
 $= \lambda x [bolacha(x) \wedge At(x)]$

(7) $PL(bolacha) = \lambda P \lambda x [P(x) \wedge \neg At(x)] (bolacha)$
 $= \lambda x [bolacha(x) \wedge \neg At(x)]$

Como ilustram (8) e (9), o operador PLural retira todos os átomos da denotação de um nome comum e o operador SINGular retira-lhe todas as entidades não-atômicas.

$$(8) [[PL(bolacha)]] = \begin{array}{|c|c|c|} \hline & a \oplus b \oplus c & \\ \hline & a \oplus c & \\ \hline a \oplus b & & b \oplus c \\ \hline \end{array}$$

$$(9) [[SING(bolacha)]] = \begin{array}{|c|c|c|} \hline a & b & c \\ \hline \end{array}$$

Dados empíricos que confirmam esta análise:

- As três formas são diferentes quanto a seu número semântico. Isto aparece quando o indefinido está em posição de objeto. (Portanto, o PB não parece ter plurais dependentes.)

(10) Unicórnio tem um chifre (apenas um chifre).

(11) Unicórnio tem chifre (um número não especificado de chifres).

(12) Unicórnio tem chifres (mais de um chifre).

- Todos os tipos de sujeitos indefinidos podem ser usados com todos os tipos de objetos indefinidos com o mesmo efeito sobre o número.³ Portanto, este não parece ser um fenômeno sintático.

(13) Um unicórnio tem um chifre/chifre/chifres.

² $[[At a]] := 1$ see $[[a]]$ é atômico.

³ Leituras coletivas são possíveis, mas não serão consideradas neste trabalho.

(14) Unicórnios têm um chifre/chifre/chifres.

• O comportamento com recíprocos e anáforas parece confirmar a hipótese, pois não há átomos a serem retomados em (15) e *seu* retoma uma pluralidade em (16).

(15) *Brasileiro detesta um ao outro.

(16) Os cães perderam seus rabos (mais de um rabo!!).

Outros argumentos para que o singular simples seja considerado como não especificado para número vêm de Schmitt and Munn 1999. Sabe-se que as propriedades do objeto direto afetam o aspecto do sintagma verbal de maneira que *objetos quantizados* causam *leituras terminativas*, enquanto *objetos não quantizados* causam *leituras durativas*.

• Singulares simples permitem apenas leituras durativas.

(17) Eu escrevi carta por duas horas

(18) *Eu escrevi carta em duas horas.⁴

3. Indefinidos participando em sentenças genericamente quantificadas: uma análise do indefinido genérico, do singular NU e do plural NU

Nesta seção vou explorar as maneiras pelas quais o PB expressa quantificação genérica em relação à proposta de que nomes comuns devem ser considerado não especificados para número nessa língua.

Indefinidos genéricos não são verdadeiras expressões genéricas porque não denotam espécies. Primeiro, eles ocorrem apenas em sentenças genericamente quantificadas. Segundo, eles não podem ser usados com predicados que se aplicam apenas a espécies. Finalmente, eles não podem ser usados com predicados que não são estativos. Veja os exemplos (1)-(6) do inglês:

(1) The potato was first cultivated in South America⁵.

(2) *A potato was first cultivated in South America⁶.

(3) Graham Bell invented the telephone.

(4) *Graham Bell invented a telephone.

⁴ Esta sentença se torna aceitável se receber algum tipo de leitura iterativa, como: *Eu estava tão ocupada naquela época que eu preparava aula em uma hora.*

⁵ As sentenças (1)-(6) são de Krifka *et al.* 1995.

⁶ O asterisco, como anteriormente, indica má-formação semântica e não sintática. Na verdade, ele marca apenas que estas sentenças não podem ser interpretadas como equivalentes genéricas de (1), (3) e (5). Elas poderiam ser compreendidas como genéricas sob a leitura 'shifted' 'um tipo de ...'.

(5) The rat was reaching Australia in 1970.

(6) *A rat was reaching Australia in 1970.

Muitos dos trabalhos recentes sobre a genericidade adotam uma análise de sentenças genericamente quantificadas como sentenças contendo um operador relacional genérico (GEN) que toma duas sentenças, uma **restrição** e uma **matriz**, como seus argumentos, como em (7), que está ilustrado em (8).⁷

Versão simplificada:

(7) GEN [x; y] (**Restrição** [x]; **Matriz** [x, y])

= GEN [x] (**Restrição** [x]; $\exists y$ **Matriz** [x, y])

(‘Genericamente, se **restrição** x, então existe um y tal que **matriz** x,y’)

Exemplo:

(8) a. Brasileiro dança bem

b. GEN [x;] (x é **Brasileiro**; x **dança bem**)

c. ‘Tipicamente, se alguém é brasileiro, então dança bem’

Vou tratar Sintagmas de Determinantes (DPs) indefinidos como indefinidos heimianos, ou seja, como fórmulas contendo uma variável livre (**um brasileiro** = **brasileiro** (x)) (cf. Heim 1982). Se o indefinido singular, o singular nu e o plural nu são todos indefinidos ‘normais’ no PB, eles adquirem seu significado genérico do fato de estarem participando de sentenças genericamente quantificadas nas quais suas variáveis são ligadas pelo operador GEN.

Vou agora tratar a questão de quais as diferenças entre as interpretações dos vários tipos de indefinidos em PB. Vou exemplificar, por simplicidade, com uma sentença habitual (9).

(9) Depois do jantar, Jorge come uma bolacha/bolacha/bolachas.

Em (10) temos a interpretação de uma sentença com o singular nu:

(10) a. Depois do jantar, Jorge come bolacha. (um número indefinido de bolachas)

b. GEN[s;x] (Jorge **em** s \wedge **depois do jantar** s; **bolacha** x \wedge Jorge **come** x **em** s)

= GEN[s;](Jorge **em** s \wedge **depois do jantar** s; $\exists x$ (**bolacha** x \wedge Jorge **come** x **em** s))⁸

⁷ Veja os trabalhos em Carlson & Pelletier 1995.

⁸ s é uma variável sobre situações. Já o quantificador existencial está sempre presente e liga quaisquer variáveis ainda livres na matriz.

Em (11)-(12) temos o cálculo da interpretação de uma sentença com o indefinido generico:

- (11) *uma bolacha* = **uma** (SING(*bolacha*)) = λx [*bolacha* (x) \wedge At (x)]
 (12) a. Depois do jantar, Jorge come uma bolacha. (apenas uma bolacha)
 b. **GEN**[s;x] (Jorge em s \wedge depois do jantar s; **uma** (SING (*bolacha*)) x \wedge Jorge come x em s)
 = **GEN**[s;x] (Jorge em s \wedge depois do jantar s; λy [*bolacha* (y) \wedge At (y)] (x) \wedge Jorge come x em s)
 = **GEN**[s;] (Jorge em s \wedge depois do jantar s; $\exists x$ (λy [*bolacha* (y) \wedge At (y)](x) \wedge Jorge come x em s))
 = **GEN**[s;](Jorge em s \wedge depois do jantar s; $\exists x$ (*bolacha* (x) \wedge At (x) \wedge Jorge come x em s))

Para obtermos a interpretação do plural nu, precisamos aplicar o operador **PL**ural a(a denotação d)o nome comum, como se pode ver em (13).

- (13) a. Depois do jantar, Jorge come **bolachas**. (mais de uma bolacha)
 b. **GEN**[s;x] (Jorge em s \wedge depois do jantar s; **bolachas** (x) \wedge Jorge come x em s)
 = **GEN**[s;x] (Jorge em s \wedge depois do jantar s; **PL** (*bolacha*) (x) \wedge Jorge come x em s)
 = **GEN**[s;] (Jorge em s \wedge depois do jantar s; $\exists x$ (λy [*bolacha* (y) \wedge \neg At (y)](x) \wedge Jorge come x em s))
 = **GEN**[s;] (Jorge em s \wedge depois do jantar s; $\exists x$ (*bolacha* (x) \wedge \neg At (x) \wedge Jorge come x em s))

4. Expressões de referência a espécie no português brasileiro

Em PB tanto o definido singular quanto o definido plural comportam-se como expressões de referência a espécies. Esta seção discute a questão de como a denotação proposta para o nome comum, os operadores **PL**(ural) e **SING**(ular) e o artigo definido se compõe para resultar em uma interpretação de espécie no PB.

As sentenças (1) e (2) iustram os dois modos de se expressar genericidade: *sentenças genericamente quantificadas* e *expressões de referência a espécies*. Apesar de ambas as sentenças possuírem significados extremamente próximos, as suas interpretações resultam de dois processos distintos.

- (1) a. Brasileiro dança bem.
 “Geralmente, se alguém é brasileiro, dança bem”
 b. **GEN** {brasileiro x; dança bem x}

- (2) a. O brasileiro dança bem
 “A espécie BRASILEIRO tem a propriedade de dançar bem”
 b. **dança-bem** (BRASILEIRO)

A expressão da genericidade no caso de expressões de referência a espécies é uma propriedade do Sintagma de Determinante, não da sentença. SDs que são expressões de referências a espécie são capazes de coocorrer com qualquer tipo de predicado:

- (3) O mico-leão-dourado logo estará extinto. (predicado de espécie)
 (4) O mico-leão-dourado é inteligente. (predicado de indivíduo)
 (5) O brasileiro está fumando muito (predicado de estágio)

4.1 Um artigo definido genérico

A idéia central desta seção é a de que o artigo definido genérico seleciona a única espécie (ao invés do único indivíduo) à qual pertencem todas as realizações de um predicado. Espécies são (um certo tipo de) indivíduos. Expressões de referência a espécie são expressões que se referem a estas entidades. Temos então que MICO-LEÃO-DOURADO denota a espécie correspondente ao predicado mico-leão-dourado como em (1).

- (1) a. O mico-leão-dourado está extinto.
 b. **está-extinto** (MICO-LEÃO-DOURADO)

Há uma relação entre uma espécie e seu predicado – a relação **R** que é a relação de realização (2) (cf. Carlson 1977).

- (2) **R** (y,x): o objeto y pertence à espécie x.

O artigo definido genérico (3) seleciona então a única espécie à qual pertencem todas as entidades denotadas por um nome comum ou um sintagma nominal (NP), como ilustrado em (4). A denotação de uma sentença com um DP definido genérico está detalhada em (5).

- (3) $o_{\text{GENÉRICO}} = \lambda Q \iota x \forall y [Q(y) \leftrightarrow R(y,x)]$

- (4) $\text{MICO-LEÃO-DOURADO} = o_{\text{GENÉRICO}} (\text{mico-leão-dourado})$
 $= \lambda Q \iota x \forall y [Q(y) \leftrightarrow R(y,x)] (\text{mico-leão-dourado})$
 $= \iota x \forall y [\text{mico-leão-dourado} (y) \leftrightarrow R(y,x)]$

- (5) **está-extinto** ($\iota x \forall y [\text{mico-leão-dourado} (y) \leftrightarrow R(y,x)]$)

Quando se aplica esta idéia ao PB, deve-se levar em conta a denotação proposta para os nomes comuns e a existência dos operadores **SING**(ular) e **PL**(ural).

O funcionamento destes operadores em conjunto com o artigo definido genérico está ilustrado na sentença (6).

- (6) a. Os micos-leões-dourados estão extintos.
 b. **estão-extintos** ($O_{GENÉRICO}$ (**PL** (mico-leão-dourado)))
 = **estão-extintos** ($\exists x \forall y [(mico-leão-dourado(y) \wedge \neg At(y)) \leftrightarrow R(y,x)]$)

Algumas conseqüências da proposta são bem-vindas:

- A sentença (6) seria verdadeira se ainda houvesse apenas um mico leão dourado no mundo.
- A diferença entre as denotações do singular e do plural genérico podem nos ajudar a explicar porque (7a) não é uma boa sentença para uma interpretação genérica não-taxonômica. Sua forma lógica (7b) afirma que a espécie que Graham Bell inventou nunca é realizada como uma entidade atômica e isto não corresponde a nosso conhecimento de mundo.

- (7) a. Graham Bell inventou os telefones.
 b. **inventou** (GB, $\exists x \forall y [(telefone(y) \wedge \neg At(y)) \leftrightarrow R(y,x)]$)

Resumindo:

- O comportamento da genericidade no PB confirma a visão de que sua expressão faz uso de (pelo menos) dois mecanismos diferentes: sentenças genericamente quantificadas e expressões de referência a espécie.
- Genéricos indefinidos no PB – indefinidos genéricos, singulares nus e plurais nus – são apenas indefinidos heimianos ‘normais’ participando de sentenças genericamente quantificadas. Sua genericidade provem do fato que eles têm suas variáveis presas pelo operador genérico.
- Definidos Genéricos são expressões de referência a espécies em PB. Elas são formadas pela aplicação do artigo definido genérico a um nome comum que foi “SINGularizado” ou “PLuralizado”.
- Nomes comuns não são especificados para número em PB. Sua denotação inclui tanto indivíduos singulares quanto plurais.

5 O português europeu

Nesta seção, vou esboçar comentários de uma primeira comparação PE-PB em relação aos fenômenos tratados neste artigo. O comportamento do PE em relação aos testes apresentados na seção (1) parece mostrar que, da mesma forma que em PB, os definidos genéricos são expressões de referência a espécie e os genéricos indefinidos são indefinidos heimianos participando de sentenças genericamente quantificadas.

No entanto, enquanto em PB, a estratégia preferida para referência à espécies é o uso do definido singular, em PE esta é o definido plural. Por outro lado, enquanto

o PB prefere o singular nu para a quantificação genérica, esta estratégia parece ser bastante limitada no PE, que prefere, neste caso, o indefinido genérico.

Há também um outro aspecto interessante de contraste entre as duas línguas em relação ao número dos nomes comuns. Contrastando com o PB, a sentença (1) em PE significa que cada unicórnio tem apenas um chifre. Por outro lado, a sentença (2) pode também ser interpretada como cada cão possuindo apenas um rabo, novamente em contraste com o PB.⁹

Os unicórnios tem chifre.

Os cães perderam seus rabos.

Estes dados parecem indicar que o nome comum plural é a opção neutra em relação ao número no PE, quando no PB esta opção é o singular nu.

Referências:

- CARLSON, G. & F. J. PELLETIER 1995, eds., *The Generic Book*. Chicago & London: The University of Chicago Press.
- CHIERCHIA, G. 1998. "Reference to Kinds across Languages". *Natural Language Semantics* 6:339-405.
- GESTNER, C. & N. KRIFKA 1993. "Genericity." In J. Jacobs, A. von Stecjpw, W. Sternefeld, & Th Vennemann, eds., *Handbuch der Syntax*, 966-978. Berlim: de Gruyter.
- HEIM, I. 1982. "The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases". UMass, PhD. dissertation.
- KRIFKA, M., F. J. PELLETIER, G. CARLSON, A. TER MEULEN, G. CHIERCHIA & G. LINK 1995. "Genericity: an Introduction". In G. Carlson & F. J. Pelletier, eds., 1-124.
- LINK, G. 1983. "The Logical Analysis of Plurals and Mass Terms: a Lattice Theoretical Approach." In R. Bäuerle, C. Schwarze, and A. von Stechow, eds., *Meaning, Use and Interpretation of Language*: 303-323. Berlin: de Gruyter.
- SCHMITT, C. & A. MUNN (to appear). "Against the Nominal Mapping Parameter: Bare Nouns in Brazilian Portuguese". *NELS* 29.

⁹ Ver seção 2.